



**De que forma podem os Cristãos
responder à crise da Covid-19 causada
pelo coronavírus?**

VEJA COMO A IGREJA PRIMITIVA LIDOU COM DUAS EPIDEMIAS DEVASTADORAS

...e duplicou em tamanho!

JOELNEWS.ORG

À luz da presente pandemia de COVID-19, como é que os cristãos podem responder efectivamente em tempos de crise? A história da Igreja pode ensinar-nos uma lição importante - devemos manter a calma, cuidar dos outros e manter o foco no Reino de Deus.

No ano 165 d.C., durante o reinado de Marco Aurélio, uma epidemia devastadora varreu o Império Romano. Alguns historiadores na área médica suspeitam que tenha sido a primeira aparição de varíola no Ocidente. Foi letal. Durante os quinze anos em que durou a epidemia, calcula-se que tenha morrido um quarto ou um terço (!) de toda a população do Império.

Mais tarde, em 251 d.C., uma nova, e igualmente devastadora, epidemia atingiu tanto as áreas rurais como as cidades. Desta vez, talvez tenha sido o sarampo a produzir uma taxa de mortalidade similar. As epidemias enfraqueceram o exército Romano e as estruturas sociais. O número de mortos foi tal que cidades e aldeias, tanto em Itália como nas províncias, foram abandonadas e caíram em ruínas.

Em comparação com estas situações do passado, o recente surto de COVID-19 é, na verdade, uma ameaça menor. Colocá-lo dentro de uma perspectiva histórica pode ajudar-nos a lidar com ele. O mundo de hoje está muito melhor preparado em termos de cuidados de saúde e esperança de vida. A Medicina deu passos de gigante no último século (1). Por isso, o risco para nós, hoje, é muito menor.

Uma pequena minoria

Como é que a igreja Cristã, uma ínfima parcela do Império Romano, respondeu a esta crise existencial? No ano 165 d.C., os cristãos eram apenas 0,08% da população do Império,

aproximadamente quarenta e cinco mil pessoas. Este número é comparável ao número actual de cristãos no Afeganistão, que é um dos menores em todo o mundo. No ano 251 d.C., o valor havia subido para 1,9%, ou o equivalente a um milhão, cento e setenta e uma mil pessoas. Os cristãos estavam claramente ultrapassados em número pelo pagãos e agiam a partir de uma posição de vulnerabilidade.

Rodney Stark, professor de sociologia da religião, está convencido de que as epidemias, que desmoralizaram e perturbaram a sociedade clássica, ajudaram a catalisar a fé cristã. No seu livro eloquente, "O Crescimento do Cristianismo. Como o obscuro e marginal movimento de Jesus se tornou a força dominante no Mundo Ocidental em pouco séculos", ele dedica um capítulo inteiro a. "Epidemias, redes sociais e conversão. (2)

Uma crise é sempre uma oportunidade

Os Pais da Igreja, como Cipriano, Dionísio e Eusébio, expressaram nos seus escritos a forma como as epidemias contribuíram fortemente para a causa cristã. As filosofias pagãs e Helenísticas não ofereciam qualquer tipo de resposta ou conforto. Em contraste, o Cristianismo oferecia uma explicação mais satisfatória acerca da razão pela qual tempos terríveis como estes haviam caído sobre a humanidade e isso projectava uma imagem de esperança para o futuro. A fé dos cristãos deu significado à vida, mesmo num contexto de morte eminente.

Um outro factor a ter em conta é que, quando os desastres chegaram, os cristãos estavam melhor preparados para os enfrentar devido ao cuidado que tinham uns pelos outros e a fortes redes relacionais, tudo isso contribuindo para maiores taxas de sobrevivência. Dessa forma, no rescaldo de cada epidemia, os cristãos aumentavam a sua percentagem na

população, mesmo sem novos convertidos. A “percepção” deste milagre trouxe ainda mais pagãos à fé cristã.

Existe a noção sociológica de que, em tempos de adversidade, as religiões existentes tendem a ser trocadas por novas religiões. Por outras palavras, uma crise é sempre uma oportunidade que pode ser aproveitada ou perdida. No meio das epidemias do Império Romano, o Cristianismo mostrou ser eficaz. Tornou-se um movimento de “revitalização” que mobilizou pessoas para a acção, provando, dessa forma, a sua validade.

Olhando para a epidemia como um teste ao amor

Cipriano, Bispo de Cartago, quase deu as boas-vindas à grande epidemia do seu tempo. Em 251 d.C., nos seus escritos, descreveu a praga como uma oportunidade para “refrescamento”:

“Quão apropriado, quão necessário é que esta pestilência, que parece ser horrível e mortal, sonde a justiça de cada um e de todos e examine as mentes da raça humana; quer seja o cuidado pelos doentes, quer seja o dever amoroso de cuidar dos parentes, quer seja a compaixão dos senhores pelos seus escravos, quer sejam os médicos que não abandonam os afligidos.”

Ele exortou os seus companheiros cristãos a não temerem a morte e a olhar para os que morriam como pioneiros de uma nova forma de vida.

A doutrina cristã - que defende que só pode agradar a Deus se amarmos sacrificialmente uns aos outros - providenciou a receita revolucionária para a acção. Em 260 d.C., Dionísio, Bispo de Alexandria, escreveu um longo tributo aos esforços heróicos de cuidado prestado pelos cristãos locais, muitos dos quais perderam as suas vidas enquanto cuidavam de outros.

Enquanto os pagãos tendiam a fugir das cidades e a afastar os infectados durante as pragas, os cristãos tendiam a ficar e a ministrar aos que estavam em sofrimento.

De acordo com Dionísio,

“A maioria dos nossos irmãos cristãos demonstrou amor e lealdade sem limites, nunca se poupando a si mesmos, pensando apenas no outro. Ignorando o perigo, tomaram conta dos doentes, atendendo às suas necessidades e ministrando-lhes em Cristo, e com eles partindo desta vida, serenamente felizes. Os melhores de entre os nossos irmãos perderam as suas vidas desta forma, alguns presbíteros, diáconos e leigos conquistaram uma alta recomendação, de forma que a morte, como resultado de grande piedade e fé forte, se assemelha em tudo ao martírio.”

Criando um estado social em miniatura

Foi este tipo de carácter moral e benevolência em tempos de crise que estimulou o crescimento da Igreja. Um século mais tarde, o Imperador Juliano lamentou o facto de a caridade pagã ser pálida quando comparada com a dos “Galileus”, isto porque os cristãos haviam criado um mini estado social dentro de um império onde os serviços sociais não existiam. O ensino de Jesus em Mateus 25:35-40 mostra o poder deste novo tipo de moralidade:

“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste-me ver. Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

A Igreja Cristã nomeava diáconos e líderes que eram escolhidos para cuidar dos doentes, fracos, pobre e deficientes. Eram

fazedores de boas obras, exercendo esse cuidado dia e noite para com aqueles que estavam angustiados, garantindo que estes eram cuidados por meio de fundos da Igreja. Pelo facto de os cristãos cuidarem não somente dos seus, mas também de outros, muitos pagãos ficaram a dever as suas vidas aos seus vizinhos cristãos, juntando-se às suas fileiras.

O que não te mata faz-te mais forte

Mas, se os cristãos arriscaram as suas vidas cuidando dos doentes, como é que eles emergiram das epidemias muito mais fortes?

Quando existe uma diminuição acentuada dos serviços normais, até pequenos actos de cuidado podem reduzir a mortalidade. Providenciar algo simples como comida e água, por exemplo, permite a quem está temporariamente demasiado fraco para cuidar de si, recuperar ao invés de morrer miseravelmente por descuido. Os especialistas médicos de hoje afirmam que o cuidado consciente, mesmo sem qualquer tipo de medicamentos, poderia ser responsável por um corte nas taxas de mortalidade na ordem dos dois terços, ou mais. Desta forma, enquanto a taxa de mortalidade entre os pagãos ascendia aos 30%, esta não passava dos 10% entre os cristãos. Quando a epidemia finalmente minguava, os cristãos tinham sobrevivido mais e a sua percentagem no total da população aumentado.

Por estarem mais expostos à epidemia, os cristãos sobreviventes tornavam-se imunes e podiam andar entre os afligidos aparentemente invulneráveis, o que naquela altura - e sem os conhecimentos médicos de hoje - era considerado um milagre. Após as epidemias, a opinião da sociedade ficava mais favorável para com os cristãos e os pagãos que haviam sobrevivido tornavam-se mais próximos daqueles que sabiam ser cristãos.

O Professor Stark chegou à conclusão de que, após as duas epidemias, o número de cristãos no Império Romano havia duplicado devido à forma como estes reagiram a estas crises. Por volta do ano 300 d.C. os cristãos constituíam cerca de 10,9% da população e no ano 350 d.C., 56,5%.

Aplicando aos dias de hoje

A História pode providenciar inspiração, mas cabe-nos decidir a maneira como aplicamos isto ao nosso próprio tempo e contexto. Para aqueles que procuram algum tipo de orientação específica em relação à crise do coronavírus, deixamos as seguintes orientações:

1. Manter a calma

2 Timóteo 1:7 diz: Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação (ou autodisciplina).

Os cristãos não precisam de entrar em pânico. Afinal, vivemos para Cristo, que nos dá a capacidade para fazer bem aos outros com uma atitude consciente. Quando somos tentados a ceder ao medo, podemos fazer uma escolha consciente e responder com confiança e abertura. A oração ajuda-nos a render o medo a Deus, a começar a abençoar outros e a pedir a Deus que alcance os seus propósitos no meio de circunstâncias difíceis.

2. Cuidar de outros

Cuidar dos outros começa com o recolher de informação da nossa parte e seguir os conselhos das autoridades de saúde e do governo. Isolamento social, e outras medidas adequadas são senso comum durante uma epidemia.

Mas vamos olhar um pouco mais à frente. Como é que

podemos ajudar os nossos vizinhos e outros na nossa rede de relacionamentos que estejam infectados, ou que se encontrem particularmente vulneráveis e retidos em casa, como os idosos e as pessoas com doenças crónicas? Não existe nada como uma voz amiga que ofereça consolo quando alguém está preocupado. As Igrejas, por exemplo, podem ajudar aqueles que precisam de cuidados médicos ou mercearia na sua comunidade, organizando formas de ajuda.

Cuidar de outros também implica não acumular mais comida ou produtos de higiene do que os necessários para uma auto-quarentena, porque açambarcar limita a disponibilidade para aqueles que podem precisar mais do que nós. Ao invés, vamos praticar a disciplina cristã da partilha. Considere perguntar aos que estão doentes ou sob quarentena quais são as suas necessidades e faça o seu melhor para que eles a recebam. Também não devemos demonizar ou discriminar alguém ou algum grupo, mas devemos mostrar solidariedade com quem tenha sido mais afetado pela crise.

Se você vive numa área onde os hospitais não conseguem lidar com o número de doentes ou onde as pessoas não podem pagar para receber cuidados de saúde, considere, como Igreja, dar um passo em frente e ajudar. As igrejas podem oferecer edifícios, pessoal e recursos para o bem comum. Vamos colocar-nos na linha da frente onde mais importa.

3. Foco no Reino de Deus

Em alguns países da Europa, todos os serviços de culto foram cancelados, pelo menos por um mês. Isto representa uma grande oportunidade para explorar o que significa ser Igreja de Jesus fora da habitual zona de conforto. Talvez cheguemos a descobrir que estamos menos dependentes dos serviços de

culto do que pensamos. De alguma forma, as igrejas em casa parecem ser mais resilientes em epidemias do que as igrejas grandes.

A Internet pode ser uma plataforma para estabelecer e organizar redes de procura e distribuição de bens. Existem muitas pessoas à nossa volta que podem precisar de ajuda prática. Médicos e hospitais em ruptura podem precisar de assistência, por exemplo. Como fonte de inspiração, leia como os cristãos em Wuhan, na China, responderam ao COVID-19 e “envergonharam” o governo. (3) Eles viram esta crise como uma oportunidade para o Evangelho.

Estar forçado ao isolamento sem estar infectado pode ser uma oportunidade para abrandar o ritmo, ler mais, investir em tempo de qualidade com a família e aprender novas disciplinas espirituais. Veja o exemplo de uma cristã em Wuhan que esteve quarenta e oito dias em quarentena forçada, dentro do seu apartamento, pois só era permitido sair à rua com permissão da polícia e sob supervisão. Ela escreveu: “Cada um de nós está a lidar com uma medida de ressentimento, culpa, medo, ansiedade ou incerteza - e cada um está a aprender a lidar com isso à sua maneira.

Mas, depois lemos: A nossa família nunca esteve melhor. Estamos juntos em casa há sete semanas com pouca ou nenhuma distração, forçados a relacionarmo-nos uns com os outros, a aprender a comunicar melhor, a dar espaço ao outro, a reduzir os nossos ritmos e a ser uma família mais forte do nunca. Durante este tempo aprendemos a contar uns com os outros para saber onde obter alimentos e outras coisas de que precisamos. Voltámos a encontrar amigos de há muito anos. Por causa desta quarentena, estabelecemos laços e encontrámos suporte uns nos outros de uma forma que eu nunca havia experimentado durante os nove anos em que vivemos aqui.”

Em tempos de crise as pessoas procuram esperança. Vamos ser essa esperança.

© joelnews.org, todos os direitos reservados

Esta perspectiva ajudou-o/a?

Assine a Joel News: <https://www.joelnews.org>

As melhores notícias no planeta. Histórias inspiradoras sobre o avanço do Reino de Deus à volta do globo nos dias de hoje, enviadas uma vez por semana para a sua caixa de correio electrónico.

